

A Percepção de Gênero no Universo Acadêmicos dos Discentes do Curso de Serviço Social no UNIBRASIL

Thalita Andrade Moreira
Andressa da Silva Mandira Batista
Glacielli Thaiz Souza de Oliveira

Resumo

O presente artigo faz parte de um trabalho de pesquisa do grupo Getravi da sublinha gênero e feminismo negro e busca identificar como a concepção de gênero está sendo apropriada pelos discentes do curso de Serviço Social do Centro Universitário Unibrasil/ PR. Traz como concepção de gênero a compreensão pela vertente relacional através da abordagem de Joan Scott e Guacira Louro. Como metodologia do trabalho optou-se pela aplicação de um questionário estruturado junto aos discentes do 1º, 5º e 8º período do curso de Serviço Social do ano de 2016. Tendo em vista que a discussão de gênero, na contemporaneidade, está presente no tecido social e faz parte do Código de Ética do Serviço Social (1993), compreendemos a importância de se verificar como a percepção dos estudantes está se constituindo. Dessa forma, a pesquisa se faz de suma importância tendo em vista que uma das expressões da questão social da qual os futuros(as) profissionais do serviço social terá como matéria de trabalho são as questões de gênero que se materializam de forma transversal no contexto social.

Palavras chaves: gênero, discentes, formação acadêmica e Serviço Social.

Abstract

This article is part of a research work Getravi group emphasizes gender and black feminism and seeks to identify how the concept of gender is being appropriated by students of the Social Work course University Center Unibrasil / PR. Brings as gender conception understanding the relational aspects through the approach of Joan Scott and Guacira Bay. As work methodology was chosen by the application of a structured questionnaire with the students of the 1st, 5th and 8th period of the Social Service course of the year 2016. Given that the discussion of gender in contemporary times, is present in the social fabric and is part of the Code of Ethics of Social Work (1993), we understand the importance of verifying how the perception of students is forming. Thus, the research is very important given that one of the expressions of the social question qa which future (the) professional social work will as a matter of work are gender issues that materialize across the board in the social context.

Keywords: gender, students, academic training and social work.

Introdução

A presente pesquisa faz parte do grupo de estudos GETRAVI/UNIBRASIL e tem como intuito compreender qual a percepção de Gênero dos discentes do curso de Serviço Social. Assim como, analisar se no decorrer do processo de amadurecimento acadêmico e com os avanços dos períodos cursados as percepções iniciais se alteram. Sendo assim, realizamos um questionário estruturado nas turmas do 1º período, 5º período e 8º período do primeiro semestre de 2016 de Serviço social do UNIBRASIL.

Entretanto, pensamos ser necessária uma introdução da categoria gênero, tendo em vista que *locus* dessa discussão se faz presente na contemporaneidade, assim como faz parte do Código de ética do Assistente Social, neste sentido gênero está contemplado no princípio fundamental VIII que estabelece a “opção por um projeto profissional vinculado ao processo de construção de uma nova ordem societária, sem dominação-exploração de classe, etnia e **gênero**” (CFESS, Código de Ética, 1993, p.24, grifos nossos). Logo, sabemos que o Serviço Social está inserido na divisão sócio técnica do trabalho e tem como matéria prima as expressões da questão social, as quais se tornam cada vez mais presentes e acirradas no contexto de uma sociedade capitalista.

Em um contexto globalizado e de novas configurações do trabalho que colocam a mulher cada vez mais na esfera da produção do trabalho compreender como a percepção dos futuros profissionais de Serviço Social está sendo constituída se faz de suma importância em uma profissão a qual grande parte se constitui por mulheres. E que estarão em breve atendo usuários com demandas intercaladas pelas questões de gênero e cabe salientarmos que o Código Ética da profissão afirma em seu princípio XI que “Exercício do Serviço Social sem ser discriminado/a, nem discriminar, por questões de inserção de classe social, **gênero**, etnia, religião, nacionalidade, orientação sexual, **identidade de gênero**, idade e condição física. (”CFESS, Código de Ética, 1993, p.24, grifos nosso).

Dessa forma, a presença da discussão de gênero na formação profissional das (os) assistentes sociais tem que estar presente nos debates, nas discussões acadêmicas, seminários, simpósios, e até mesmo nas grades curriculares do curso de Serviço Social. Pois, o profissional após sua formação está em interação com as pluralidades da conjuntura social em diferentes e diversos espaços sócio ocupacionais intervindo com a

implementação, formulação, aplicabilidade, intervenção da sua demanda de trabalho em processo mediático com a instituição e os usuários, e nessa dialética está a interface com as diversas políticas públicas e sociais (saúde, assistência social, criança e adolescente, habitação, educação, entre outras). Por esses motivos, as pesquisadoras, decidiram escolher o meio acadêmico para realização da pesquisa. Sendo assim pontuou-se como:

1. O Objetivo Geral:

- Conhecer a percepção sobre a concepção de gênero dos estudantes do Curso de Serviço Social do 1º, 5º e 8º períodos

2. Objetivos Específicos:

- Identificar as representações dos estudantes sobre os papéis masculinos e femininos;
- Levantar a percepção dos estudantes sobre o preconceito as mulheres, em todas as suas esferas. (Econômica, política, social e cultural);
- Identificar se a divisão sexual domestica do trabalho nos núcleos familiares dos estudantes.

Para alcançarmos os objetivos propostos esta pesquisa está dividida em três momentos: no primeiro apresentamos a concepção de gênero através de um diálogo com várias (os) autores que tem domínio da temática; no segundo momento apresentamos a interface entre gênero e serviço social e no terceiro ponto será concentrada a análise acerca dos dados coletados. Por fim explicitamos as considerações finais.

Traçar Metodológico

Tendo em vista a busca de dados de um determinado grupo, optamos por uma pesquisa descritiva, pois segundo Moreira e Caleffe (2008, p.70):

A pesquisa descritiva é um estudo de *status* que é amplamente usado na educação e nas ciências comportamentais. O seu valor baseia-se na premissa de que os problemas podem ser resolvidos e as práticas melhoradas por meio da observação objetiva e minuciosa, da análise e descrição. Muitas técnicas ou métodos de solução de problemas são incluídas na categoria de pesquisa descritiva.

Neste sentido, a pesquisa Survey ou também chamada de Levantamento pode ser descrita como a obtenção de dados ou informações sobre características, o levantamento

das características do grupo estudado é feito através da aplicação de questionários ou através de entrevistas dirigidas por um questionário (MOREIRA E CALEFFE, 2008, p. 77). Logo, a pesquisa descritiva, segundo Gil (1995, p. 45), “têm como objetivo primordial a descrição das características de determinada população ou fenômeno, ou ainda, o estabelecimento de relações entre variáveis”. Contudo, para a análise dos dados utilizaremos a abordagem qualitativa, já que “é muito importante que possamos perceber com clareza e afirmar com convicção que a relação entre pesquisa quantitativa e qualitativa não é de oposição, mas de complementaridade e de articulação” (MARTINELLI, 1999, p. 27).

Pois, buscamos nessa pesquisa agregar a abordagem quantitativa e qualitativa por compreendermos que “As pesquisas qualitativas de descrição são aquelas que não se conformam com os dados bibliográficos, confiam na notação qualitativa. Portanto, não se contenta somente com descrever o fenômeno, mas também interpretá-lo” (RAUEN,, 2002, p. 58).

A pesquisa do tipo levantamento visa se referir a um tipo particular de pesquisa social empírica, cujo principal objetivo é examinar uma amostra da população, considerando o perfil do indivíduo. Se diferenciando dos outros tipos de pesquisa, nos seguintes aspectos:

- Não visa uma mudança de ordem psicossocial, como a pesquisa-ação;
- A coleta de dados é feita diretamente no local onde está sendo realizada a pesquisa.
- É uma coleta de dados indireta. É realizada com muitas pessoas e generaliza seu resultado;
- É uma abordagem quantitativa, diferenciando-se, assim, do estudo de caso, que é qualitativo.

A pesquisa utilizada está fomentada na pesquisa tipo levantamento, cujo principal objetivo é servir de instrumentos para análise dos dados coletados entre os acadêmicos do Curso de Serviço Social do 1º, 5º e 8º períodos, do Centro Universitário Autônomo do Brasil (Unibrasil). Trata-se de uma busca descritiva através de uma abordagem pelo método quantitativo em forma de questionário, voltado para perguntas

de atitudes e crenças¹, sendo efetuada uma amostragem com um universo de aproximadamente 60 estudantes, sendo que o questionário será aplicado aos estudantes que no dia da aplicação da pesquisa estiverem em sala de aula e se disponibilizarem para responderem as perguntas

Revisão de Literatura: Há diferença entre gênero e sexo?

“Não se nasce mulher torna-se mulher”

Simone de Beauvoir

Ao abordarmos questionamentos acerca de sexo e gênero é necessário fazer uma análise acerca das distinções construídas entre esses conceitos. Como o gênero pode ser classificado nos mais diversos fenômenos, como gêneros de literatura, de cinema, de música, dos seres vivos na escala biológica, etc.

Nesta pesquisa abordaremos o gênero não no sentido de classificar as pessoas em uma sociedade de acordo com o sexo que possuem e sim compreendendo gênero como uma construção social e histórica. Pois, a construção social de uma sociedade que envolve questões de gênero se torna mais abrangente e complexa do que uma classificação de pessoas em mulheres ou homens, pois esse termo possui vários significados, que variam nas suas mais diversas abordagens, tanto socialmente como culturalmente.

Na década de 70, consolidou-se o Movimento Feminista que eclodiu no meio acadêmico através de estudos sobre as diferenças de poder existentes entre homens e mulheres ao longo da história. Esse movimento lutava contra as desigualdades ligadas ao homem e à mulher nos mais diversos papéis desempenhados entre eles, que se justificavam pelas diferenças biológicas, neste sentido o movimento feminista buscava em sua gênese a implementação de políticas que atendessem a essas questões.

Seu foco era desmontar o conceito de poder dominante firmado nas relações de sexo e esclarecer a diferença entre os fenômenos naturais e os biológicos, que há séculos possuíam um domínio cultural do biológico e intensificavam a ideia de que a mulher estava condicionada ao seu seio privado, ou seja, o lar. Neste sentido:

¹ Entendendo atitudes e crenças como a maneira com que as pessoas avaliam e pensam determinados assuntos. Gil, Antônio Carlos. Como elaborar projetos de pesquisa. 2ª ed. São Paulo: Atlas, 1989 p.56.

Foram os estudos feministas os que inicialmente tinham a intenção de desnaturalizar as condições das mulheres na sociedade, desconstruir a idéia de que tudo aquilo que se refere à mulher está na sua natureza feminina, ou seja, estes estudos problematizaram a idéia de que determinadas características são da essência feminina e outras são da essência masculina (LUZ, CARVALHO e CASAGRANDE, 2009, p.22).

O movimento feminista também atuou e atua no combate a naturalização de atribuições construídas socialmente como atributos femininos. Pois, ainda impera conceitos de que os homens são superiores devido as questões biológicas e as mulheres são frágeis pela genética pois possuem características frágeis e dóceis, o que as classificam como sujeitos inferiores.

Contudo, percebemos que a categoria de gênero está além de uma simples definição de sexo biológico e sim vai de encontro a uma análise que interpassa as questões sociais, culturais, econômicas, étnico-raciais, de classe social e até mesmo geracional. Nessa linha de pensamento Saffioti explana que a questão de gênero:

Não se trata de perceber apenas corpos que entram em relação com outro. É a totalidade formada pelo corpo, pelo intelecto, pela emoção, pelo caráter do EU, que entra em relação com o outro. Cada ser humano é a história de suas relações sociais, perpassadas por antagonismos e contradições de gênero, classe, raça/etnia. (SAFFIOTI, 1992, p. 210)

Sendo assim, nessa conjuntura da sociedade capitalista não podemos deixar de evidenciar que na percepção da categoria de gênero se faz presente as relações sociais de poder, pois cabe “[...] explorar as complexidades tanto das construções de masculinidade quanto as de feminilidade, percebendo como essas construções são utilizadas como operadores metafóricos para o poder e a diferenciação em diversos aspectos do social” (PISCITELLI, 1998, p. 150).

As divisões das relações de gênero devem ser quebradas culturalmente, pois é a partir dela que a sociedade transforma homens e mulheres em sujeitos, e para que possamos avançar na busca por maior igualdade é necessário compreendermos gênero como aborda Joan Scott “o gênero é um elemento constitutivo de relações sociais fundadas sobre as diferenças percebidas entre os sexos, e o gênero é um primeiro modo de dar significado às relações de poder” (SCOTT, 1995, p. 14).

A mesma autora afirma que a categoria gênero tem um viés histórica e social, pois vai além das simbologias culturais que se apresentam através das representações simbólicas como, por exemplo: atores religiosos que fazem parte do contexto da sociedade; as normas e leis que constituem a política, a educação, a ciência e religião (SCOTT, 1995).

Dessa forma, desconstruir padrões de representações sociais que são naturalizadas na conjuntura social se torna um desafio na contemporaneidade, pois, ainda vivenciamos características do masculino e do feminino como atributos naturalizados. Desse modo, “os homens sempre foram considerados como representantes do universal (dos indivíduos socialmente indiferenciados, descorporificados e assexuados), enquanto as mulheres eram consideradas exemplos do particular (corporificada, sexuada e socialmente diferenciada)” (SCOTT, 2001, p. 376).

Ultrapassar estes estereótipos é fundamental, mas para isso é necessário compreendermos que as relações de poder estão no cerne das relações de gênero, isto é, “os gêneros se produzem, portanto, nas e pelas relações de poder” (LOURO, 2007, p.41). Já que no debate entre as questões sexuais tanto a abordagem científica ou do senso comum estão revestidas de intencionalidades para justificar a desigualdade social (LOURO, 2007).

Na atualidade a concepção de gênero que se busca construir é de “um sujeito “engedrado” não só na experiência de relações de sexo, mas também nas de raça e classe: um sujeito, portanto, múltiplo em vez de único e contraditório em vez de simplesmente dividido.” (LAURETIS, 1987, p.208).

Neste sentido, as pesquisas científicas que tem um olhar de gênero podem contribuir como “uma ferramenta teórica que possibilita a crítica da visão androcêntrica e da dominação masculina” (CARVALHO, 2003, p. 57).

Sendo assim, a percepção de gênero que se constitui nessa pesquisa está além das formas dicotômicas entre papéis masculinos e femininos e busca romper com a vertente androcêntrica de ciência que tem suas raízes na “produção de teorias sobre as mulheres que as (nos) representam como seres inferiores, desviantes ou só importantes no que tange aos interesses masculinos” (SARDENBERG, 2001, p.09). A concepção androcêntrica de ciência e de visão de mundo proporciona a materialização de relações sociais desiguais entre homens e mulheres enfatizando as questões de poder.

O gênero em uma concepção conservadora, pode referir-se à diferença entre os sexos, onde a própria sociedade cria categorias de homens e mulheres para as diferenças de sexo.

Já a busca de compreensão da concepção de gênero em um contexto sócio histórico provoca uma reflexão acerca da realidade analisada, onde os sujeitos sociais na

interação com as relações sociais, culturais e na introjeção das regras normativas e de moralidades contemplam uma teia de determinados comportamentos, atitudes, características e sentimentos no contexto onde vivem. Nessas circunstâncias, “o gênero também é considerado como constitutivo da vida social, está presente em todos os aspectos da vida social e assumem conteúdos específicos em conteúdos particulares” (LUZ, CARVALHO e CASAGRANDE 2009, p.28)

Nesse sentido percebemos que as relações de gênero se iniciam no nascimento e perduram pela vida, nesse processo se acentua as desigualdades de gênero, que se materializam através dos marcadores sociais, tanto no âmbito sexual, na reprodução, na divisão sexual do trabalho e no público/cidadania.

Sempre que pensarmos em gênero encontramos normas que definem as bases do papel da mulher na sociedade capitalista e que tem determinado sua posição ao longo da construção da história da sociedade capitalista. Desse modo, se estabelece um dos mais importantes mecanismos de controle e poder, o controle da reprodução, que não sendo desvinculada da mulher, determina culturalmente seu lugar social. Portanto, a partir desse pensamento podemos citar que:

A violência de gênero se produz e se reproduz nas relações de poder onde se entrelaçam as categorias de gênero, classe e raça/etnia. Expressa uma forma particular de violência global mediatizada pela ordem patriarcal, que delega aos homens o direito de dominar e controlar suas mulheres, podendo para isso usar a violência (ARAUJO, 2008, página 2).

Nesta linha de reflexão percebemos que o problema não se encontra nas diferenças entre homens e mulheres e sim na transformação dessas diferenças em questões desiguais, logo, quando se fala em gênero, está se referindo a um determinado modelo de relação entre homens e mulheres marcado tendencialmente pela desigualdade da inserção social destas em relação àqueles. ” (SOUZA e VELOSO, 2015, p. 165).

Diante dessa inserção social desigual temos como exemplo claro, a divisão sexual do trabalho², que em um contexto de sociedade capitalista tem no trabalho feminista uma das suas molas propulsoras, pois:

As desvantagens sociais de que gozavam os elementos do sexo feminino permitiam à sociedade capitalista em formação arrancar das mulheres o máximo de mais-valia absoluta, através, simultaneamente, da intensificação do trabalho, da extensão da jornada de trabalho e de salários mais baixos que os masculinos, uma vez que, para o processo de acumulação rápida de capital, era insuficiente a mais-valia relativa obtida através do emprego da tecnologia de então. A máquina já havia, sem dúvida, elevado a produtividade do trabalho humano; não,

² Para maior aprofundamento nas questões relacionadas a divisão sexual do trabalho, destacamos autores como: Kergoat e Hirata (2007); Ávilla e Ferreira (2014); Antunes (2008); Azevedo e Passos (2015); Saffioti (2013)

entretanto, a ponto de saciar a sede de enriquecimento da classe burguesa. (SAFFIOTI, 2013, p.67)

Percebe-se que ocorreu um aumento no número de mulheres no mercado de trabalho, porém, quais espaços sócio ocupacionais a mulher está inserida? O salário pela venda da sua força de trabalho esta equiparado ao do homem? São questões pertinentes na contemporaneidade e que ainda se fazem como desafios as mulheres, as políticas públicas e são colocadas na agenda dos diversos movimentos feministas, pois segundo a Pesquisa Nacional por Amostragem á Domicilio Contínua (PNAD, 2012/2013) afirma que 61,6% da população em atividade no Brasil é representada pelos homens, mesmo tendo como realidade que a maioria em idade ativa para o trabalho são as mulheres.

A mesma pesquisa aponta que as mulheres obtiveram um aumento no mercado de trabalho com registro em carteira de 39,8 % (2010) em relação a 32,7% (2000), porém, a pesquisa do IBGE também ratifica que entre os anos de 2000 e 2010 as questões relacionadas a desigualdades de gênero no país não surtiram um efeito retroativo. Porque as mulheres ainda concentram suas atividades em espaços de trabalho informais e precários, principalmente na área de serviços domésticos, e que conforme Azevedo e Passos (2015) as mulheres estão em defasagem salarial em relação ao homem em até 70% do salário.

Na mesma vertente de analise a Comissão Econômica para a América Latina e o Caribe (CEPAL, 2010) explana que “A participação econômica das mulheres ocorre em condições de desigualdade, discriminação e sobrecarga de horas de trabalho que relativizam o avanço” (CEPAL, 2010, pg. 30). Até porque atualmente ocorre um:

Crescimento atual dos empregos de serviços, principalmente dos empregos “domésticos”, ligados à crise econômica e à recessão, que levam mulheres inativas e sem qualificação profissional reconhecida a se integrarem no mercado de trabalho. Em países como a França e o Brasil, a supressão de empregos no setor industrial é compensada pela criação de empregos nos serviços, em que a bipolarização também é significativa: por um lado, há um aumento do número de mulheres que são gerentes financeiras nos bancos e nas companhias de seguros; por outro, no mundo inteiro, há um aumento dos “empregos em serviços” e do “serviço pessoal” (trabalho doméstico remunerado, trabalho para cuidar de crianças e de pessoas idosas etc) (HIRATA, 2003, p.20)

O que nos leva a analisarmos que, “o modo de produção capitalista, potencializa a marginalização de certos setores da população do sistema produtivo. O sexo, fonte de inferiorização social feminina, interfere de forma positiva para a reprodução da sociedade capitalista. ” (GONÇALVES in SAFFIOTI, 2013, p.17). Outro ponto importante nesse contexto é a questão da divisão domestica do trabalho reprodutivo,

pois, as pesquisadoras Hirata (2002) e Kergoat (1996) apontam que por mais que ocorreu uma maior inserção de mulheres no mercado de trabalho a conjuntura da divisão sexual do trabalho ainda contém uma estrutura de desigualdade da divisão doméstica e familiar do trabalho reprodutivo, ou seja, as mulheres continuam a reproduzir o trabalho domésticos sem que tenha ocorrido uma revolução significativa no processo das divisões de tarefas na esfera privada.

Resultados e Análise dos Dados

A pesquisa se encontra no momento em fase de aplicação do questionário semiestruturado.

Considerações Finais

A profissão de assistente social se materializa na divisão sexual de trabalho e tem como matéria as expressões da questão social e nesse universo está presente a desigualdade de gênero. Dessa forma, compreendemos a importância de uma formação acadêmica que contemple a concepção de gênero tendo em vista que grande parte da categoria profissional é constituída por mulheres. Neste sentido, o objetivo central dessa pesquisa é analisarmos como está sendo construída a percepção de gênero, pelos acadêmicos(as) de Serviço Social dada a importância da temática para a práxis profissional. Acreditamos que após a coleta e análise de dados a pesquisa contribuirá para o campo acadêmico e profissional no sentido de dar visibilidade as questões de gênero que estão latentes nas relações sociais, culturais, econômicas do tecido social.

Referências bibliográficas

AZEVEDO, Fernanda Caldas; PASSOS, Raquel Gouveia. **A (con)vocação do trabalho feminino diante das mudanças do mundo trabalho: o care em evidência**. Temporalis, Brasília (DF), ano 15, n. 30, jul./dez. 2015.

BRASIL, Comissão Econômica para a América Latina e o Caribe (CEPAL). **Que tipo de Estado? Que Tipo de Igualdade?** Conferência Regional sobre a Mulher da América Latina e do Caribe: Brasília, 13 al 16 de julho de 2010

BRASIL, **Lei 11.340/06**. <http://www.mariadapenha.org.br/a-lei/a-historia-da-maria-da-penha/>, acessado em 08/05/2011.

CARLOTO, Cássia Maria. **O conceito de gênero e sua importância para a análise das relações sociais**. Londrina/PR, 2001. Revista de Serviço Social da UEL-PR, v 3, n 2, jan-jun.2001. http://www.ssrevista.uel.br/c_v3n2_genero.htm, acessado em 17/05/2011.

CARVALHO, Maria Eulina Pessoa de; PEREIRA, Maria Zuleide da C. Introdução. In: **Gênero e Educação: Múltiplas faces**. João Pessoa, Universitária/UFPB, p. 7-10, 2003.

FREITAS (H.), OLIVEIRA (M.), SACCOL (A.Z.) e MOSCAROLA (J.). **O método de pesquisa survey**. São Paulo/SP: Revista de Administração da USP, RAUSP, v. 35, nr. 3, Jul-Set. 2000, p.105-112.

GIL, Antônio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 1995.

HIRATA, Helena Sumiko. Reestruturação produtiva, cidadania e gênero. In: **COSTA, A. A. (Org.) Um debate crítico a partir do feminismo: reestruturação produtiva, reprodução e gênero**. São Paulo: CUT/Brasil, 2002.

HIRATA, Helena Sumiko; KERGOAT, Danièle. **Novas configurações da divisão sexual do trabalho**. Cadernos de Pesquisa, São Paulo, v.37. n. 132, p. 595-609,set/dez 2007.

HIRATA, Helena. Por quem os sinos dobram? Globalização e divisão sexual do trabalho. In: **Trabalho e cidadania ativa para as mulheres: desafios para as Políticas Públicas** / Marli Emílio (org.), Marilane Teixeira (org.), Miriam Nobre (org.), Tatau Godinho (org.). - São Paulo: Coordenadoria Especial da Mulher, 2003.

KERGOAT, Danièle. Relações sociais de sexo e divisão sexual do trabalho. In LOPES, M.J.; MEYER, D. E WALDOW, V. (Orgs) **Gênero e saúde**. Porto Alegre: Artes médicas, 1996.

LAURETIS, Teresa de. **A tecnologia do gênero**. Technologies of gender, Indiana University Press, 1987. Pp. 1-30. Disponível em: <<http://www.scribd.com/doc/81873993/A-Tecnologia-do-GeneroTeresa-de-Lauretis>>. Acesso em 20/03/2016

LOURO, Guacira Lopes. A emergência do gênero. In: LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós-estruturalista**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007.

LUZ, Nanci Stancki da. CARVALHO, Marília Gomes de. CASAGRANDE, Lindamir Salete. **Construindo a igualdade na diversidade: gênero e sexualidade na escola**. Ed. UTFPR. Curitiba, 2009.

MARTINELLI, Maria Lucia. **Pesquisa Qualitativa um Instigante Desafio**. São Paulo: Veras editora. 1999. Série Núcleo de Pesquisa.

MOREIRA, Maria Regina de Ávila. et. al. **O lugar de gênero na formação da/o assistente social**. X Encontro Nacional de Pesquisadores em Serviço Social, dezembro de 2006, Recife Brasil. Disponível em

<<http://www.cpihts.com/PDF05/O%20lugar%20de%20g%C3%AAnero%20na%20forma%C3%>>. Acesso em 16/04/2016.

PISCITELLI, Adriana. Gênero em Perspectiva. **In: Não se rima amor e dor: cenas cotidianas de violência contra a mulher.** Cadernos Pagu (11) 1998: pp.141-155. QUEIROZ, F. M. Mossoró, RN: UERN, 2008.

RAUEN, F. J. **Roteiros de investigação científica.** Tubarão: Unisul, 2002.

SAFFIOTI, Heleieth Iara Bongiovani. “**A Mulher na Sociedade de Classes.** 3º ed. São Paulo: Expressão Popular, 2013.

SAFFIOTI, Heleieth Iara Bongiovani. Rearticulando gênero e classe social. In: COSTA, A.O; BRUSCHINI, C. (Orgs.). **Uma Questão de gênero.** São Paulo. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 1992.

SARDENBERG, Cecilia. **Da Crítica Feminista à Ciência a uma Ciência Feminista?** NEIM/UFBA, Salvador, 2001. Disponível em: http://www.academia.edu/13188272/Da_Cr%C3%ADtica_Feminista_%C3%A0_Ci%C3%A2ncia_a_uma_Ci%C3%A2ncia_Feminista. Acesso em 20/03/2016.

SCOTT, Joan W. “**‘La querelle des femmes’ no final do século XX**”. Revista Estudos Feministas, v. 9, n. 2/2001, p. 367-388, Florianópolis: CFH/CCE/UFSC.

SCOTT, Joan. **Gênero: uma categoria útil de análise histórica.** Revista Educação & Realidade. Vol. 20 (2), jul.-dez. 1995, p. 71-99

SOUZA, Vanessa Bezerra de; VELOSO, Renato. **Gênero e Serviço Social: desafios para uma abordagem crítica.** São Paulo: Saraiva, 2015.

SOUZA, Vera Ribeiro. **Curso De Especialização - Tecnologias Em Educação.** PUC-RJ. Rio de Janeiro, 2006.